
O APRENDIZADO DE NANDO DIANTE DE DUAS SITUAÇÕES EXTREMAS: O GOLPE CIVIL-MILITAR E A TORTURA

Glener Cruz Ochiussi¹

RESUMO: Este trabalho pretende analisar o aprendizado de Nando - personagem central do romance “*Quarup*”, de Antonio Callado - diante de duas situações extremas: o golpe civil-militar de 1964 e a experiência da tortura. A primeira situação-limite está diretamente relacionada à personagem Francisca, a grande paixão do protagonista, a segunda a Manuel Tropeiro, amigo sincero de Nando. De modo esquemático, estes dois personagens guiam a formação política de Nando diante das situações acima citadas. De acordo com nossa leitura, estes dois trechos conflitivos do enredo são cruciais para a formação integral de Nando.

Palavras-chave: Antonio Callado, a formação política de Nando, golpe civil-militar, *Quarup*, tortura.

Abstract: This work intends to analyze the learning of Nando - central character of the novel “*Quarup*”, by Antonio Callado - in face of two extreme situations: the civil-military coup of 1964 and the experience of torture. The first limit situation is directly related to the character Francisca, the great passion of the protagonist, the second one to Manuel Tropeiro, Sincere friend of Nando. In a schematic way, these two characters guide the Political formation of Nando in front of the situations mentioned above. According to our reading, these two conflicting passages of the plot are crucial for the integral formation of Nando.

Keywords: Antonio Callado, civil-military coup, *Quarup*, the political formation of Nando, torture.

I- “QUARUP” - UM TRABALHO PIONEIRO:

“E toda a arte do autor consiste em me obrigar a *criar* aquilo que ele *desvenda*- portanto, em me comprometer. Eis que nós dois arcamos com a responsabilidade pelo universo” (Jean-Paul Sartre).²

No início dos anos sessenta, Antonio Callado viaja para a região nordeste, acompanhado do economista Celso Furtado, com o objetivo de retratar a miséria dos camponeses locais. Durante o seu périplo por Pernambuco, nascem diversas crônicas sociais. São destaques as reportagens: *Os industriais da seca e os Galileus de Pernambuco: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil e Tempos de Arraes*, ambas publicadas pelo *Jornal do Brasil*. O romance *Quarup* foi escrito, anos

¹ Formado em História. Mestre em Letras pelo PPG Letras do IBILCE/UNESP de São José do Rio Preto – SP. E-mail: hidden_ochiussi@hotmail.com

² SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. Editora Vozes Limitada, 2015.

depois, entre março de 1965 e setembro de 1966. A primeira impressão do trabalho, sob a responsabilidade do editor Ênio Silveira³, data de 1967. De acordo com Hélio Pellegrino:

O lançamento de *Quarup*, romance de Antonio Callado, constitui um fato de extraordinária importância para a cultura brasileira. O livro de Callado não representa apenas uma *réussite* literária de primeira grandeza que situa o autor entre os nossos melhores e mais poderosos romancistas. *Quarup* também é o reflexo, no plano da criação artística, das transformações por que vem passando o País, nos últimos quinze anos (PELLEGRINO, 1967, p. 24).

Adepto da chamada revolução pacífica - da transformação da sociedade mediante governos democráticos -, Antonio Callado entendia que Pernambuco era, na década de sessenta, “o maior laboratório de experiências sociais e o maior produtor de ideias do Brasil” (CALLADO, 1964). No seu imaginário, a revolução democrática deveria ocorrer inicialmente nesse estado para, em seguida, ganhar o país. Callado pensava um Brasil mais justo para todos. O golpe civil-militar de 1964, porém, frustrou as suas expectativas. No Recife, as políticas do governador Miguel Arraes são suspensas e seus principais responsáveis são prontamente perseguidos.

Nos dias que se seguiram ao golpe, acontecem as primeiras prisões políticas. Para os militares, os membros e lideranças dos sindicatos rurais, das Ligas Camponesas⁴ e do Movimento de Cultura Popular (MCP)⁵ eram alvos prioritários. Sob o pretexto de defenderem a democracia⁶ contra um possível governo comunista, as forças armadas assumem o poder. Em pouco tempo, os primeiros relatos de tortura surgem. É instituído, a partir de então, um longo período de exceção: uma noite que duraria vinte e um anos.

³Para Ana Arruda Callado, “foi um ato de coragem do editor Ênio Silveira, naquele momento, lançar o livro por sua Civilização Brasileira” (CALLADO, 2013). Sobre a importância de Ênio Silveira, para o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro, ver: Hallewell, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Edusp, 2005.

⁴Para mais, ler: STEDILE, João Pedro. *Questão agrária no Brasil v. 4. História e natureza das Ligas Camponesas, 1954-1964*. Expressão popular, 2006.

⁵Sobre o assunto, ver o excelente trabalho BARBOSA, Letícia Rameh. *Movimento de Cultura Popular: impactos na sociedade pernambucana*. Secretário de Educação, Esporte e Lazer, 2009.

⁶“O regime militar de 1964, mesmo sob um discurso de defesa da democracia, na prática foi o seu maior violador. Qualquer elemento dissonante da lógica militar era incompatível com a concebida ‘vontade uníssona da nação’ – e, portanto, avaliado como contrário aos “interesses nacionais”, como pode ser observado no preâmbulo do Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, em que se afirma que ‘a Revolução se distingue de outros movimentos armados pelo fato de que nela se traduz não o interesse e a vontade de um grupo, mas o interesse e a vontade da Nação’. Conforme este mesmo ato, sua edição visava ‘assegurar ao novo governo serem instituídos os meios indispensáveis à ordem de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil’, aduzindo ainda possuir o ‘apoio da Nação na sua quase totalidade’ – Relatório final Comissão Nacional da Verdade, Volume 1, 2014. Disponível em <http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/574-conheca-e-acesse-o-relatorio-final-da-cnv>. Acesso: 20 de dezembro de 2016.

Às vésperas do Ato Institucional número cinco – que instituiu a tortura como política de Estado –, *Quarup* colocava em discussão, no calor do momento, temas sensíveis para a sociedade. O terceiro romance de Callado pode ser considerado, nesse sentido, um trabalho pioneiro. Pela primeira vez, o golpe civil-militar e as posteriores violações de direitos políticos, por parte do governo, eram representados em uma obra literária⁷. Tal fato facilitou a recepção do livro, na época, frente à opinião pública e aos diversos grupos de esquerda⁸. A publicação de *Quarup* coloca efetivamente Antonio Callado na categoria de intelectual engajado⁹.

II- UMA NOVA PROPOSTA DE LEITURA:

Para Lukács:

O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar sua própria essência. (LUKÁCS, 2000, p.91).

Nesse sentido, podemos classificar *Quarup* como um **romance de formação** (*Bildungsroman*), sendo Nando¹⁰ seu personagem central. Do sonho de organizar uma prelazia às margens do rio Xingu à decisão final pela luta armada, Nando percorre uma longa viagem – física e psíquica – rumo ao autoconhecimento. Do sacerdócio à guerra de guerrilha, o herói de *Quarup* está sempre em formação. De acordo com Lígia Chiappini Moraes Leite:

Se em quase todas as personagens [de *Quarup*] podemos constatar uma ‘teoria’ do Brasil e identificar utopias, isso também acontece com Nando, a personagem central. Com uma diferença: ele é o único que evolui e que, portanto, transforma, aperfeiçoa e reinventa a cada momento o seu Brasil do passado, do presente e do

⁷ Publicado, originalmente, em 1967 – mesmo ano de publicação de *Quarup* –, o livro *Pessach – a travessia*, de Carlos Heitor Cony, também problematiza temas pouco agradáveis para a elite governante da época.

⁸ Por razões metodológicas, usaremos este termo da forma mais generalizada possível: grupos organizados que lutam contra o aumento dos desníveis sociais.

⁹ Na opinião de Jean-Paul Sartre: “O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação; sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana” (SARTRE, 2015, p. 20-21). De acordo com Gramsci: “O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanente’, já que não apenas orador puro [...]” (GRAMSCI, 1968, p. 8).

¹⁰ Nando se encaixa na categoria de “herói nacional”, concebida por Flávio R. Kothe: “Há personagens da história de um povo que personificam a ‘alma’ desse povo segundo a ideologia que num certo momento seja a dominante”. (KOTHE, 1985, p.28). Nando inicia o romance se identificando com a ideologia dominante produzida pela Igreja Católica – inspirada, principalmente, no dogmatismo do Concílio de Trento, isto é, na contrarreforma do século XVI. Com o tempo, porém, nosso herói é transformado e se torna uma figura *anti-establishment*. Nesse contexto, o protagonista passa a se identificar com as ideias sociais propaladas pela esquerda nas décadas de 1950/60.

futuro, aproveitando para isso um pouco de cada uma das pessoas com quem convive, cujas ideias filtra à luz da sua experiência, da sua formação e dos seus conflitos pessoais (LEITE, 1982, p.155).

Para Giselle Larizzatti Agazzi:

[...] à medida que Nando reconhece seu universo interior e age para transformá-lo, reconhece as terras brasileiras e intervém no processo histórico, e vice-versa. O desejo de revolução do ex-padre nasce e se fortalece no conhecimento simultâneo da História do Brasil e dos seus próprios conflitos interiores (AGAZZI, 2004, p. 50).

De meados dos anos cinquenta ao golpe civil-militar, *Quarup* cobre um arco temporal de mais de dez anos. A temática da obra, por estar diretamente ligada aos acontecimentos históricos da época, é múltipla. Navegando entre o “realismo histórico e as narrativas experimentalistas” (AGAZZI, 2004, p. 119), Callado consegue compor um romance vívido. O nome da obra é uma referência ao mais importante ritual dos índios da região do Xingu. Para eles, o quarup¹¹ representa o renascimento.

Por questões metodológicas, iremos focalizar neste trabalho o aprendizado de Nando diante de duas situações extremas: **1) O golpe civil-militar de 1964. 2) A tortura promovida pelo aparato militar, dias após a tomada de poder.** A primeira situação-limite está diretamente relacionada à personagem Francisca, a segunda a Manuel Tropeiro. De modo esquemático, estes dois personagens guiam a formação de Nando, diante das situações acima citadas. De acordo com nossa leitura, esses dois trechos conflitivos¹² do enredo são cruciais para a “deseducação”¹³ integral de Nando.

III- O GOLPE CIVIL-MILITAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS:

No dia do golpe, Nando e seus companheiros haviam organizado uma marcha, na cidade do Recife, em apoio ao governador. Vieram camponeses das Ligas e dos sindicatos rurais, com o objetivo

¹¹ O ritual do Kuarup (nome de uma madeira) revive a narrativa religiosa dos índios do Xingu, centrada na figura de Mawutzinin, relativa à vida e à morte de seres humanos. Por seu papel na criação do mundo, dos homens e das coisas, Mawutzinin tem sido comparado a “Deus” ou, de outra forma, ao “demiurgo” (na tradição platônica, também divino). Mawutzinin é um ser eterno, antropomorfo, responsável pela criação dos primeiros seres humanos, a partir de troncos de árvore. (ZARUR, 2003, p. 7).

¹² De acordo com Cândida Vilares Gancho, o “conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (GANCHO, 2004, p.11).

¹³ De acordo com Ferreira Gullar: “Talvez não seja justo extrair um sentido definido e direto do romance de Callado, mas me parece possível afirmar que ele descreve um processo de desalienação de um homem, que termina por se transformar em povo, que pode agora ser qualquer um” (GULLAR, 1967, p. 256).

de proteger o governador de possíveis ingerências cometidas por parte dos militares. De acordo com o narrador, essas pessoas traziam “[...] em seus pés e bolsos, os frutos do salário do Estatuto, do salário criado pelo governador”. (CALLADO, 1967, p. 439). A ideia inicial era seguir em passeata, da Estação Ferroviária – “a antiga Great Western dos ingleses” (ibidem) - ao Palácio; sede do poder estadual. Em pouco tempo, porém, um destacamento militar chega ao local e frustra a manifestação.

Os camponeses são cercados e os principais idealizadores do protesto são prontamente identificados. Nando é preso. Do pequeno rádio a pilhas, de um humilde camponês, o locutor anuncia: “-O último comunicado do comando do IV Exército diz que reina a mais completa ordem em todo o país”. (CALLADO, 1967, p.443). E prossegue:

– O general Mourão Filho, comandante da tropa insurgida em Minas Gerais, não precisou disparar um único tiro contra os contingentes do I Exército. É que o exército Nacional está unido contra o comunismo que queria implantar no país o presidente João Goulart¹⁴. [...] O IV Exército já depôs o governador do Estado de Pernambuco. O próprio general Mourão, que fuma cachimbo, denominou sua gloriosa marcha de libertação do Brasil de Operação Popeye. (CALLADO, 1967, p. 443).

Naquele instante, o golpe havia sido deflagrado. O governador do Estado de Pernambuco se dizia prisioneiro dos militares. Nas ruas do centro do Recife, uma nova mensagem radiofônica era transmitida:

- No momento em que falo, o Palácio do governo está sendo ocupado pelas tropas do Exército, que se insubordinaram contra o sr. Presidente da República. Deixo de renunciar ou de abandonar o mandato, porque ele está com a minha pessoa e me acompanhará enquanto durar o prazo que o povo me concedeu e enquanto me for permitido viver.

- O governador! – disse um camponês.

-A voz do governador!

-O povo haverá de conquistar cada vez maior liberdade e condições de lutar por um Brasil grande...

-Desliguem os rádios! Já!

Viva o governador – disseram baixo uns camponeses, se entreolhando.

-Estou assim, por força de ocupação do palácio, feita à luz do dia, impedido de exercer o mandato. Prefiro isto a negociá-lo e a vê-lo manchado. (CALLADO, 1967, p. 444).

¹⁴ Para a ideologia conservadora da época, qualquer melhoria nas condições gerais de trabalho e/ou distribuição de renda, era considerado comunismo.

Note que o mesmo rádio que anuncia a vitória dos militares, denuncia a situação do governador. De maneira consciente, duas vozes diferentes se fazem ouvir: a dos *vencedores* – que comemoravam por não precisarem ter disparado um único tiro para assumirem o governo – e a dos *vencidos* – que, ainda um pouco perplexos, tentavam recalculas suas possíveis estratégias de ação.

Nando conhece Francisca ainda nas primeiras páginas do romance, e se apaixona. A jovem, que pertencia à elite pernambucana, era noiva de Levindo - um revolucionário trotskista que pretendia transformar a realidade social brasileira. Para Nando, “[...] Francisca era o carreiro de estrelas entre os mundos.” (CALLADO, 1967, p.10). De fato, Francisca representa para a economia da narrativa a sensibilização de Nando diante das injustiças sociais. No contato com ela, o outro é definitivamente descoberto pelo herói-protagonista. Nesse sentido, Francisca é uma espécie de *elo de ligação* da vida individual de Nando com a militância social (LEITE, 1982) – esta, de caráter coletivo. Uma *personagem guia*¹⁵.

No dia anterior ao golpe civil-militar de 1964, ocorre o último encontro de Nando com Francisca: “Nando tomou as mãos de Francisca, olhou bem de perto o doce rosto. Ele veria no dia seguinte o que é que os acontecimentos reservavam ao Brasil” (CALLADO, 1967, p. 439). De forma abrupta, o golpe irá representar, para o casal, a separação definitiva. Após o fatídico episódio, os dois personagens são presos. A revolução pacífica, idealizada por Nando, fracassara. Enquanto Nando é mantido encarcerado por vários dias – talvez até por semanas¹⁶ –, Francisca é libertada logo após o segundo interrogatório¹⁷. Em um tenso diálogo com Nando, Ibiratinga – coronel chefe da tortura local - faz questão de frisar:

[...] –Estou certo de que lhe interessará saber que no momento estamos transbordantes de cavalheirismo. Essa moça que o foi buscar no Xingu... como se chama?... filha do ricoço da cerâmica.

-Francisca – disse Nando.

¹⁵ Iremos usar esta conceituação, sempre que nos referirmos - neste trabalho - a Francisca e a Manuel Tropeiro. Ambos são personagens secundários, mas de importância estratégica para a formação completa do herói-protagonista.

¹⁶ Durante sua prisão, Nando passa a alternar momentos de consciência e semiconsciência. Nesse instante, o tempo psicológico do protagonista cria uma perturbação cronológica. Para Benedito Nunes, enquanto no tempo físico “a experiência do movimento exterior das coisas prepondera [...]”, no tempo psicológico “a experiência da sucessão de nossos estados internos” ganha relevo. (NUNES, 1988, p.18). “Desagradável no silêncio, na escuridão e no aperto, era a quase impossibilidade de delimitar sono e vigília [...]” (CALLADO, 1967, p. 448).

¹⁷ Perceba-se que o poder econômico da família de Francisca, certamente foi levado em consideração no momento da aceitação do *habeas corpus* pelo comissariado militar.

-Francisca. Mal respondeu a dois interrogatórios e o pai conseguiu libertá-la. Eu nem pude ter o prazer de conhecê-la. A moça já tinha embarcado.

[...] Que imensas saudades de Francisca mas que bom imaginá-la debruçada no velho parapeito, os longos cabelos imersos nas ondas. Que boa certeza a de saber impossível vê-la sofrer¹⁸. Nando olhava o coronel, via que ele falava mas passou alguns segundos sem nada escutar. (CALLADO, 1967, p. 473).

Para Arturo Gouveia:

A violência de Estado é exercida não apenas institucionalmente, mas ao desligar de vez os dois maiores protagonistas de *Quarup*, age exatamente ao contrário do significado do romance: encontro, convergência, cerimonial, memória. O golpe funciona para os dois como um antiquarup até do ponto de vista físico e geográfico. Nando na cadeia e Francisca na Europa. O golpe vem atuar diretamente no plano afetivo dos indivíduos [...] (GOUVEIA, 2006, p. 87).

Para Édison José da Costa, “[...] Francisca não é para Nando o que Francisca realmente, simplesmente, é. Francisca é para ele o êxtase amoroso e, por isso, é guia, estrela, luz e beleza”. (DA COSTA, 1988, p. 105). De modo simbólico, esta personagem carrega consigo a pureza do amor verdadeiro.

IV- A tortura e suas consequências:

Após um tempo desacordado, Nando chega à prisão. De acordo com o narrador: “A cela em si nada teria de tão ruim assim, apesar de escura e estreita e apesar de oferecer ao repouso apenas um chão de cimento grosso” (CALLADO, 1967, p. 446). Nos primeiros interrogatórios, os militares só queriam confirmar com o ex-padre, que “[...] havia em marcha no Brasil uma grande revolução comunista. Governo, Ligas, Igreja tudo eram biombos de Moscou” (CALLADO, 1967, p. 448-449). Após alguns dias de encarceramento, o herói-protagonista é convidado a conhecer um segundo ambiente da delegacia:

O porão era bem grande e parecia maior ainda devido à iluminação escassa, que o fazia acabar em manchas de sombra. Sobre as duas compridas mesas que havia no porão pendiam do teto alto lâmpadas com pequeno abajur verde de ágata. Só uma das lâmpadas estava acesa. (CALLADO, 1967, p. 460).

Pela primeira vez, Nando tem contato com a tortura física, perpetrada pelos agentes do Estado. O texto segue:

¹⁸ Depois de receber a notícia da viagem de Francisca à Europa, Nando faz uma breve “análise mental”. Para Chiappinni: “Trata-se, como o próprio nome diz, do aprofundamento nos processos mentais das personagens, mas feito de maneira indireta, por uma espécie de NARRADOR ONISCIENTE que, ao mesmo tempo, os expõe (mostra, pela CENA) e os analisa (pelo SUMÁRIO)”. (LEITE, 1985, p.66-67).

No outro fio o abajur tinha sido retirado, a lâmpada removida e o fio descoberto. Luziam, com a luz da outra mesa, as pontas de cobre do fio exposto. Nessa mesma mesa Nando viu ainda uma curiosa maquininha de manivela, que parecia feita de ferraduras montadas numa base de metal ou de aço. Da maquininha saíam fios terminados no que a Nando pareceram pegadores de roupa de metal.

[...] -Na ponta dos fios os jacarés, as bocas de jacaré. A gente prende elas nas mãos do cara, ou nas orelhas, depois nas carinhas mais moles da língua e no beijo ou então nos culhões e na vara do cabra. A gente vira a manivela para aumentar a corrente e dá uns arrepios legais.

Enquanto falava o eletricitista prendia as bocas do jacaré no dedo e no pulso de Nando. Nando ia retirar instintivamente a mão mas resolveu aguentar. Devia ser só uma demonstração sem corrente. De repente a dor como de imensa agulha finíssima que o dilacerasse todo da ponta do dedo ao centro do cérebro. Nando só conseguiu sufocar pela metade o grito de dor. (CALLADO, 1967, p. 460-462).

Perceba que no trecho citado, o próprio herói-protagonista chega a “experimentar” um dos aparatos de tortura – o choque elétrico¹⁹. Nando, porém, não será a principal vítima da repressão política. O romance deixa claro que, de início, os militares se limitavam a “somente interrogar” os presos “mais ilustres”. Nesse período, a tortura ainda era reservada, na maioria das vezes, aos mais humildes²⁰: camponeses e membros dos movimentos sindicais. De forma consciente, Callado opta por descrever os dispositivos de tortura de modo direto. O realismo da cena chega a impressionar até o leitor mais desatento.

¹⁹ “A tortura por choque elétrico, conforme a carta dos presos políticos em São Paulo à OAB: ‘É a aplicação de descargas elétricas em várias partes do corpo do torturado, preferencialmente nas partes mais sensíveis, como, por exemplo, no pênis e ânus, amarrando-se um polo no primeiro e introduzindo-se outro no segundo; ou amarrando-se um polo nos testículos e outro no ouvido; ou ainda, nos dedos dos pés e mãos, na língua etc. (Quando se trata de presas políticas, os polos costumam ser introduzidos na vagina e no ânus.) Para conseguir as descargas, os torturadores utilizam-se de vários aparelhos: magneto (conhecido por “maquininha” na Oban e maricota do DOPS/RS); telefone de campanha (em quartéis); aparelho de televisão (conhecido por “Brigitte Bardot” no Deops/SP); microfone (no Deops/SP); “pianola”, aparelho que, dispondo de várias teclas, permite a variação controlada da voltagem da corrente elétrica (no PIC-Brasília e no Deops/SP); e ainda choque direto de tomada em corrente de 110 e até 220 volts. O choque queima as partes sensíveis do corpo e leva o torturado a convulsões. É muito comum a vítima, recebendo as descargas, morder a língua, ferindo-a profundamente. Consta de compêndios médicos que o eletrochoque aplicado na cabeça provoca micro-hemorragias no cérebro, destruindo substância cerebral e diminuindo o patrimônio neurônico do cérebro. Com isso, no mínimo provoca grandes distúrbios na memória e sensível diminuição da capacidade de pensar e, às vezes, amnésia definitiva. A aplicação intensa de choques já foi causa de morte de muitos presos políticos, particularmente quando portadores de afecções cardíacas” - Relatório final Comissão Nacional da Verdade, Volume 1, 2014.

²⁰ “Relativamente às elites militares, o entendimento é que a classe trabalhadora é, por sua constituição social, insatisfeita e indisciplinada. Quando a classe trabalhadora exerce a sua (pré) disposição reivindicativa, como aconteceu no pré-1964 e, posteriormente, durante a ditadura, as elites civis e militares consideraram-na subversiva e inimiga. Por isso, ela seria o alvo estratégico primordial da repressão, da política econômica, da dominação imposta e das graves violações de direitos praticados por civis e militares” - Relatório final Comissão Nacional da Verdade, Volume 2, 2014.

Indignado com a situação, Nando exige do coronel Ibaratinga, uma explicação. Em um forte diálogo, Nando o questiona:

-Coronel – disse Nando – aquele seu porão me dá vergonha de ser brasileiro.

-Vergonha eu só tenho de precisar fazer o que eu faço num porão. Eu faria o mesmo em salas de vidro, para que todos vissem da rua, ao passar, que este país defende sua herança cristã. (CALLADO, 1967, p. 464).

Doze anos antes da publicação do importante conto “A casa de vidro”, de Ivân Angelo²¹, Ibaratinga já planejava torturar pessoas em uma redoma de vidro. O antagonista de Nando se mostra, nesse diálogo, um personagem tipo²². De modo esquemático, o coronel representa, para a economia da narrativa, parte dos ideais das Forças Armadas - no contexto do golpe civil-militar de 1964. Para o torturador, o Brasil tinha acabado no ano de 1961, com a publicação da encíclica *Mater et Magistra*²³. Em certa altura do texto, Ibaratinga é taxativo: “A igreja acabou em 1961. O que existe no mundo de santo e de grave passou do Vaticano para nós, para o Exército. O Brasil começa conosco. Começa agora” (CALLADO, 1967, p. 474).

Nando conhece Manuel Tropeiro após o seu retorno para Pernambuco. Proveniente de uma família pobre de revolucionários - Tio Leôncio “[...] era gente jagunça, gente de a-cavalo” (CALLADO, 1967, p. 402), Manuel Tropeiro era apaixonado por Raimunda – uma prostituta da cidade do Recife – e sonhava em se casar. Nando afirma durante o romance, que “com Manuel se entendia. Não havia livros separando os dois”. (CALLADO, 1967, p.523). A nosso ver, Manuel Tropeiro representa, para a economia da narrativa, um verdadeiro **catalisador de mudanças**. Manuel Tropeiro, assim como Francisca, pode ser considerado um *personagem guia*. No contexto pós-golpe, Nando o respeita e, de maneira direta, é transformado por ele. No entendimento de Nando, “Manuel Tropeiro não se tinha direito de decepcionar” (CALLADO, 1967, p.523).

Antes de ser libertado, Nando volta mais uma vez ao porão militar. Nesse momento, nosso protagonista encontra Manuel Tropeiro. Vejamos a cena:

Nando desceu as escadas sem enxergar e só ouvindo o rumor de suas próprias veias nas têmporas. Ia começar a verdadeira provação? Se visse o que temia ver, ia sofrer seu único suplício insuportável e ia assassinar um dia o coronel

²¹ Ver: ANGELO, Ivan. *A casa de vidro*. Cultura, 1979. O conto versa sobre a construção, pelos militares, de uma sala de tortura visível a todos. As situações apresentadas pelo autor, no decorrer do conto, beiram o absurdo.

²² Segundo Cândida Vilarés Gancho: “É um personagem reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas morais, sociais, econômicas ou de qualquer outra ordem” (GANCHO, 2004, p.16).

²³ “Ela inaugura uma nova etapa da Doutrina Social da Igreja, que se veria consolidada no Concílio Vaticano II: detecta problemas novos (sobretudo os relacionados com um mundo em que as desigualdades são cada vez mais flagrantes) e focaliza problemas de sempre com uma mentalidade diferente” (CAMACHO, 1995, p.183).

Ibaratinga. No porão havia o tenente e o eletricista, um vulto de homem pendurado do pau de arara que ia de mesa a mesa, mãos atadas sob os joelhos. A um gesto do tenente o eletricista foi desatando as amarras que prendiam o homem à trave e amparou o homem para que não se esborrachasse contra o chão. O homem libertado do pau de arara se recostou contra a perna da mesa, cabeça para trás. Nando correu para ele, ajoelhou-se.

- Manuel – disse Nando.

Manuel Tropeiro abriu os olhos. (CALLADO, 1967, p. 467).

A partir deste trecho – Manuel tropeiro é torturado no pau-de-arara²⁴ -, Nando passa a enxergar Manuel Tropeiro com mais sensibilidade - o sentimento de culpa passa a castigá-lo. Para ele, Manuel fora torturado, pois era uma pessoa humilde e não era conhecido pela mídia local – em outras palavras, poucos se preocupavam com ele. Na visão de Nando, Manuel sofrera aquilo que ele e outros líderes deveriam sofrer caso não fossem “conhecidos”. A tortura - a dor e a violência – irá entrelaçar o destino de Nando às resoluções de Manuel Tropeiro. De modo sintomático, a culpa irá acompanhar Nando, de forma persistente, até o final do romance. De acordo com Arturo Gouveia:

[...] Manuel Tropeiro é elemento de massa e está ligado a veteranos das Ligas Camponesas que lideram a organização da resistência sem necessidade de teorizações e requintes intelectuais, dado o seu caráter de necessidade prática de defender um espaço de dignidade num Sertão já cerceado pelos militares. Embora a essa luta se engajem membros do Partido Comunista e outros veteranos de guerra, a liderança está nas mãos de homens populares que não se submetem a hierarquias de representação marxista (GOUVEIA, 2006, p.68).

Para Édison José da Costa, a figura de Manuel Tropeiro nos remete, em “*Quarup*”, à “[...] marca da dor e da exclusão”. (DA COSTA, 1988, p.155). Com efeito, Manuel era uma pessoa humilde, muito ligada à realidade camponesa. De modo simbólico, este personagem carrega consigo o valor da sabedoria popular²⁵.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“O terreiro lá de casa
Não se varre com vassoura
Varre com ponta de sabre

²⁴ “O Pau de arara foi um dos métodos mais utilizados e conhecidos, sendo largamente adotado como ilustração simbólica da prática da tortura. Nessa modalidade, o preso ficava suspenso por um travessão, de madeira ou metal, com os braços e pés atados. Nesta posição, outros métodos de tortura eram aplicados, como afogamento, palmatória, sevícias sexuais, choques elétricos, entre outros” – Relatório final Comissão Nacional da Verdade, Volume 1, 2014.

²⁵ Ademais, o personagem é construído, como tantos outros em *Quarup*, de forma idealizada. Nessa altura, o romance aposta em várias utopias dos anos 1960.

Balas de metralhadora”
(Geraldo Vandré).²⁶

O golpe de 1º de abril foi determinante para a formação posterior de Nando, pois ele: a) perde, nesse contexto, o grande amor de sua vida - a utopia de viver um grande amor é aqui, frustrada²⁷ -; b) reconhece a derrota da revolução pacífica que estava sendo realizada por ele e por seus companheiros, em Pernambuco; c) passa a recalcular suas futuras ações. A tortura, presenciada por nosso herói-protagonista, nos porões da ditadura, também irá ser relevante para a resolução final do ex-padre, pois as lembranças da tortura contra os mais necessitados evocariam em Nando um sentimento latente de culpa. Nesse sentido, precisamos lembrar a importância de dois grandes personagens para a formação de Nando: Francisca e Manuel Tropeiro.

Com Francisca, Nando havia aprendido o amor pelo outro – o valor do amor verdadeiro. Com o golpe civil-militar, o relacionamento dos dois se torna impossibilitado. Com Manuel Tropeiro, Nando havia compreendido a pureza dos camponeses mais pobres – a sabedoria popular. Após as cenas de tortura, perpetradas pela repressão militar, a amizade de Nando com Tropeiro, se fortalece. Como um *personagem guia*, Francisca acompanha a formação de Nando até o golpe de 1964 e, em seguida, a entrega a Manuel Tropeiro. No pós-golpe, Nando passa a ser guiado por Manuel rumo ao autoconhecimento pleno. Sendo conduzido pelo humilde homem do sertão e, acompanhado pelo sentimento de culpa, Nando tomaria em breve a sua última decisão.

O tópico da culpa se faz presente em *Quarup* durante todo o romance. Antes de Nando, Francisca era atormentada pelo sentimento de culpa e este irá ser – juntamente com o golpe civil-militar – um dos impeditivos para a plena felicidade do casal. A culpa de Nando, porém, é híbrida: é sartriana, como bem nos ensina Helga Dressel²⁸, mas também provém do dogmatismo católico²⁹. Em Sartre, a necessidade de agir diante de uma situação-limite - sendo que a ação de cada indivíduo se relaciona, obrigatoriamente, com o todo social. Nos ensinamentos católicos – que Nando não abandona no

²⁶ Canção Brava de Geraldo Vandré. Álbum *Canto Geral*, 1968.

²⁷ De acordo com Arturo Gouveia: “O declínio do amor, a partir de então, chega ao auge com a hostilidade do golpe de abril. É a maior profanação do romance, pois desconcerta projetos nacionais em pleno curso, sendo Nando e Francisca vitimados por uma violência sistemática, nunca tão explícita no Brasil” (GOUVEIA, 2006, p. 97).

²⁸ DRESSEL, Helga. *Espera ou ação: na engrenagem da culpa*. In: *Brasil, país do passado?* CHIAPPINI, Lígia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold (orgs). Boitempo Editorial, São Paulo, 2000.

²⁹ Teoricamente, as duas concepções de culpa, são incompatíveis. No espaço do romance, porém, quase tudo é possível. Já Aristóteles, em sua *Poética*, afirmava: “[...] a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu, mas o que é possível e poderia ter ocorrido segundo a verossimilhança”. (ARISTÓTELES, 2005, p. 95).

decorrer do romance, apesar de ter deixado o sacerdócio –, a presença sempre incômoda do “pecado original” – a eterna culpa. Para Jean-Paul Sartre:

Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. (SARTRE, 1988).

De acordo com Nietzsche:

Como mostra a história, a consciência de ter dívidas para com a divindade não se extinguiu após o declínio da forma de organização da “comunidade” baseada nos vínculos de sangue [...] a humanidade recebeu, com a herança das divindades tribais e familiares, também o peso das dívidas ainda não pagas, e o anseio de resgatar-se [...] O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe [...] ao mundo o máximo de sentimento de culpa. [...] aquele golpe de gênio do cristianismo: o próprio Deus se sacrificando pela culpa dos homens, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como o único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível – o credor se sacrificando por seu devedor, por *amor* (é de se dar crédito), por amor a seu devedor!...(NIETZSCHE, 1999,78-80).

Curiosamente, para Nando, o sentimento de culpa não será um elemento impeditivo, pelo contrário, é a partir dele que Nando encontra seu verdadeiro eu. Assim, podemos interpretar a culpa de Nando como um conector final do protagonista ao seu destino. Depois de receber uma última carta de Francisca, Nando mata um policial – no final do romance, a violência é usada por Nando, pela primeira vez - e segue, com Manuel Tropeiro, para o sertão. Diante das contingências (o golpe civil-militar, a impossibilidade do amor com Francisca e o fracasso da revolução pacífica / a tortura, o fortalecimento da amizade de Nando com Manuel Tropeiro e o latente sentimento de culpa), a guerrilha rural se torna, para Nando, uma alternativa de luta contra o injusto governo civil-militar:

Da sela Nando abrangia a Mata, o Agreste e sentia na cara o sopro do fim da terra saindo das furnas de rocha quente. E viu: aquele mundo todo com sua cana, suas gentes e seus gados era **Francisca** molhando os pés na praia e de cabelos ardendo no Sertão.

-**Manuel** – disse Nando – eu vou para ficar.

Assim tenho pedido a Deus que seja a sua resolução. (grifos nossos -CALLADO, 1967, p. 601).

REFERÊNCIAS

- AGAZZI, Giselle Larizzatti. **Um país emaranhado: o projeto ficcional de Antônio Callado**. 2004. PhD Thesis. Disponível em <http://pos.fflch.usp.br/node/46839>> Acesso em 12 de agosto de 2017.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório / **Comissão Nacional da Verdade**. – Recurso eletrônico. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1 e 2) Disponível em <http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/574-conheca-e-acesse-o-relatorio-final-da-cnv>> Acesso em: 20 de dezembro de 2016.
- CALLADO, Ana Arruda. **Antonio Callado: fotobiografia**. Recife: Editora Cepe, 2013.
- CALLADO, Antonio. **Tempo de Arraes**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editora, 1964.
- CALLADO, Antonio. **Os industriais da seca e os "Galileus" de Pernambuco: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.
- CAMACHO, Ildefonso. **Doutrina social da Igreja-abordagem histórica**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- DA COSTA, Edison José. **Quarup, tronco e narrativa**. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.
- FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico**. São Paulo: Revista USP, 2002, 53: 166-182.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- GOUVEIA, Arturo. **Literatura e repressão pós-64: o romance de Antonio Callado**. João Pessoa: Ideia, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GULLAR, Ferreira. **Quarup ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente**. Rio de Janeiro: Revista Civilização Brasileira, 1967, 15: 251-258.
- KOTHE, Flávio René. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985.
- LEITE, Ligia Chiappinni. **Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. O nacional e o popular na cultura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LEITE, Ligia Chiappinni. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1985.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral** (1887). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. Editora Atica, 1988.
- PELLEGRINO, Hélio. **Quarup, o nascimento do herói novo**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1967, p.4.
- SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo** in Os pensadores—Sartre. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. **O Kuarup xinguano e os universais da narrativa religiosa.** Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, Brasília, agosto de 2003.

Recebido em 13/08/2017

Aceito em 16/01/2019